

XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA

20 a 23 de Julho de 2015, Porto Alegre (RS)

Grupo de Trabalho 08

Educação e Sociedade

CONFLITOS E ADESÕES NA ESCOLA:

As culturas juvenis vivenciadas no Ensino Médio

Irapuan Peixoto Lima Filho

Departamento de Ciências Sociais

Universidade Federal do Ceará – UFC

Fortaleza,

Junho/ 2015

Conflitos e adesões na escola:

As culturas juvenis vivenciadas no Ensino Médio

Irapuan Peixoto Lima Filho¹

RESUMO

Este trabalho se propõe a analisar as culturas juvenis na escola, percebendo como se relacionam e constroem alianças e conflitos em meio a adesões de grupos sociais de caráter identitário e de outras modalidades como grêmios, grupos religiosos etc. Foi realizada pesquisa de campo em duas escolas públicas localizadas em bairros das periferias de Fortaleza-CE, sendo uma de Ensino Médio regular e outra de Ensino Profissional, utilizando-se das metodologias de grupos focais e questionários com os discentes. Como resultado, percebe-se a disputa de capital simbólico entre a escola e os jovens, que vêem a desvalorização sistematizada de seus referenciais. Outros conflitos se dão por meio da hierarquia de poderes dos jovens a partir da experiência na escola (diferenciando veteranos e novatos). Contudo, alguns conflitos são particulares de cada escola: na Escola Profissional estudada há tensão entre estudantes egressos da rede particular com os da rede pública (pois há uma cota de 20% para os primeiros). Na escola regular os conflitos se acentuam levando em consideração a origem geográfica dos jovens (motivada por conflitos entre gangues) ou o envolvimento com a criminalidade. A pesquisa permite perceber a complexidade do universo escolar e que é preciso ampliar o olhar para dentro dos muros escolares, indo além de índices e números, observando a gama de adesões e conflitos ativados pelos atores envolvidos.

A reaproximação da Sociologia com a escola, motivada por sua inclusão no Ensino Médio, vem encorajando pesquisadores a aprofundar essa perspectiva dentro do ambiente escolar, como já discutido em Gonçalves e Lima Filho (2014). O presente artigo

¹ Doutor em Sociologia, professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará (UFC) e pesquisador do Laboratório de Estudos em Política e Cultura (LEPEC).

visa problematizar o cotidiano da escola e perceber nele fenômenos sociais extremamente relevantes aos atores envolvidos.

Ao usar de tal expediente, podemos perceber a pluralidade existente em uma escola “qualquer” de Ensino Médio, diversidade esta que, não raras vezes, é mascarada por processos de homogeneização exercidos pela educação. Na escola, os jovens deixam de ser vistos em sua pluralidade e são classificados na categoria una de “alunos”, termo que significa “ser sem luz” e que tenta uniformizar todos como seres homogêneos, assexuados e indistintos (FREITAS; LIMA FILHO, 2013). Muitas vezes, reduzidos a um número, que pode ser um índice educacional em uma política pública ou mesmo um número na chamada para verificar a presença.

Esta homogeneização mascara a riqueza do mercado simbólico que os jovens movimentam em sua dinâmica cotidiana na escola. Esta instituição não está isolada do resto da sociedade – embora suas práticas institucionais às vezes pareçam indicar o contrário pelo menos enquanto *vontade* – e as associações, afiliações e sentimento de pertença desenvolvidos pelos jovens chegam à escola juntos com eles.

Por isso, introduzidos no ambiente escolar, os jovens se socializam no intuito de verificar entre seus pares outros que partilhem os mesmos códigos simbólicos relacionados aos estilos de vida, ou seja, às visões de mundo, regras de conduta e valores morais. Nessa ação, os jovens formam aquilo que chamamos de agrupamentos identitários, quer dizer, grupos sociais que são expressões práticas de um estilo de vida dado.

Enxergar a pluralidade e riqueza da escola enquanto espaço social não é algo ainda comum em nosso meio. A Sociologia da Educação sempre foi um dos ramos mais tradicionais das Ciências Sociais, contudo, especialmente no Brasil, grande parte das pesquisas nesta área se foca na escola enquanto instituição ou nas políticas públicas educacionais, como atesta o levantamento realizado por Martins e Weber (2010).

Por isso, iniciamos esta pesquisa que busca problematizar dois pontos fundamentais para além da visão da escola meramente como instituição social ou alvo de políticas públicas. Primeiro, em um nível mais amplo, pensar a escola como espaço social, ou seja, um lugar no qual vários atores sociais transitam e realizam complexas

relações sociais. Em segundo lugar, em termos mais específicos, refletir sobre a juventude que frequenta a escola e sua movimentação dentro deste universo específico.

Este trabalho se propõe a analisar as culturas juvenis na escola, percebendo como se relacionam e constroem alianças e conflitos em meio a adesões de grupos sociais de caráter identitário e de outras modalidades como grêmios, grupos religiosos etc. Foi realizada pesquisa de campo em duas escolas públicas localizadas em bairros das periferias de Fortaleza-CE, sendo uma de Ensino Médio regular e outra de Ensino Profissional. Respectivamente, são analisadas as escolas E.E.F.M. Arquiteto Rogério Fróes e a E.E.E.P. Professor César Campelo, localizadas nos bairros Cidade 2000 e Conjunto Ceará.

A pesquisa usou a metodologia de grupos focais com os discentes², além de observações *in loco* sistematizadas que, invariavelmente, resultavam em conversas informais com os jovens. Com o auxílio de bolsistas de Iniciação Científica³, também se fez o acompanhamento de algumas aulas, especialmente, da disciplina de Sociologia. De modo menos sistemático, mas presente, também houve conversas com professores, funcionários e membros do núcleo gestor.

A partir dessas metodologias foi possível perceber um mapeamento das agremiações constituídas pelos jovens no interior das escolas e o modo como gerenciam as adesões e conflitos resultantes. Também revela o modo como esses coletivos relacionam-se com outros atores sociais que constituem o cotidiano escolar, tal qual núcleo gestor, professores e funcionários.

Por fim, a pesquisa realizada lança bases para pensar o modo como os jovens pensam a instituição escolar e sua dinâmica própria de sociabilidade e socialização.

² Os grupos focais com seis estudantes mais o pesquisador e uma bolsista de Iniciação Científica ocorreram nas duas escolas, tentando responder de modo percentual à quantidade de turmas e alunos. No César Campelo foram realizados grupos nas seguintes turmas: 1º ano (*Transações Imobiliárias*), 1º Ano (*Administração*), 2º ano (*Administração*) e 3º ano (*Redes de Computadores*), em entrevistas realizadas nos meses de setembro e outubro de 2014. No Rogério Fróes foram realizados grupos nas seguintes turmas: 1º A, 1º B, 2º A, 3º A (manhã), 2º D (tarde), 2º F e 3º E (noite), no mês de maio de 2015.

³ A pesquisa conta com o auxílio de Camila M. C. de Souza (atualmente no Mestrado em Sociologia da UFC) e Suianny A. de Freitas (atualmente bacharelanda em Ciências Sociais da UFC).

A escola, seu público e seu contexto

Como já escrito, a pesquisa se deu em duas escolas públicas localizadas nas periferias de Fortaleza. Primeiramente, é necessário fazer algumas considerações sobre esta cidade e o contexto em que as escolas estão inseridas.

Fortaleza é a capital do estado do Ceará, sendo o quinto maior município do Brasil em termos populacionais, com 2.571.896 habitantes; e a maior densidade demográfica dentre as capitais, com 7.786,44 hab/km². É uma cidade reconhecida por sua desigualdade social: o relatório das Nações Unidas *Slate of World's Cities 2012-2013* (UN, 2013) classifica a capital como a quinta cidade mais desigual do mundo⁴.

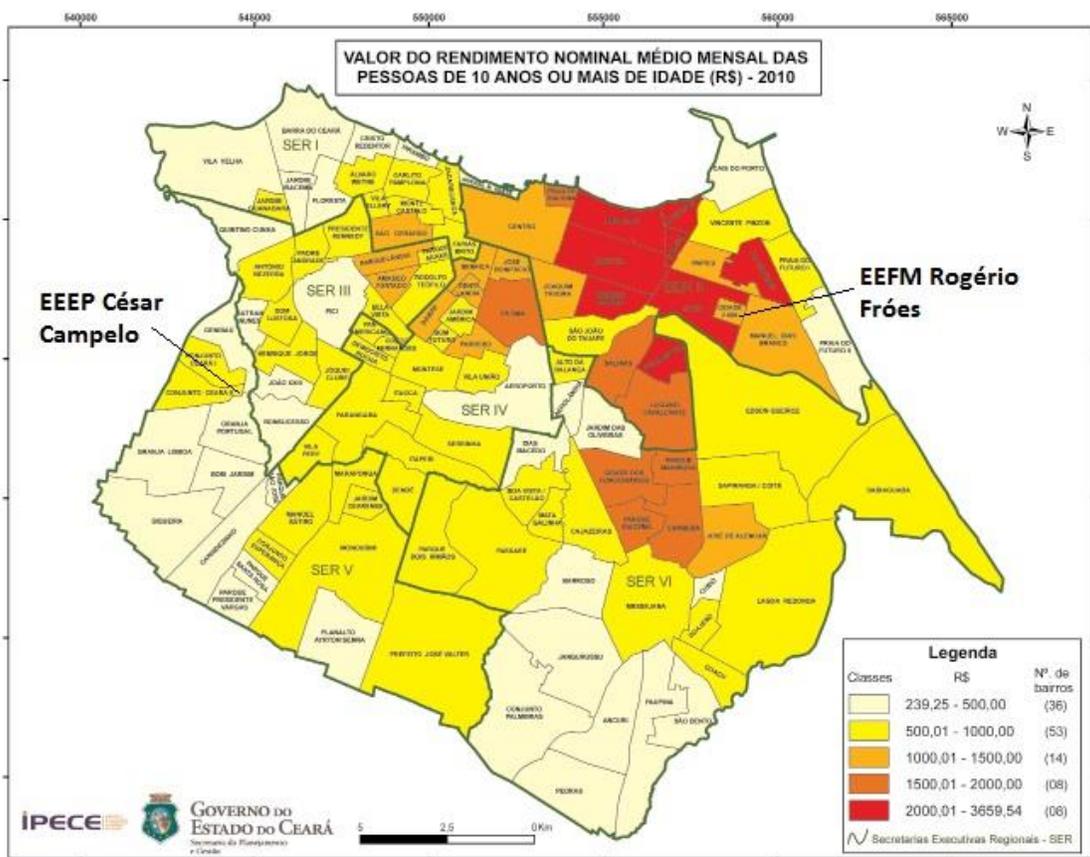


Imagem 1: Rendimento médio mensal por bairro em Fortaleza.

Fonte: IPECE (2012) editado pelo autor.

⁴ A África do Sul ocupa as três primeiras posições (Buffalo City, Johannesburg e Ekurhulemi), enquanto o Brasil aparece com Goiânia em quarto e Fortaleza em quinto (UN, 2012).

Os dados contidos em IPLANFOR (2015) mostram que apenas 20,1% da população é classificada como *classe alta*, ou seja, vivem em um domicílio com renda *per capita* de mais de R\$ 1.020,00 mensais. Embora a maioria da população esteja classificada como *classe média*, com 44,2%, expressivos 35,7% são *classe baixa*, ou seja, vivem com menos de R\$ 290,00 *per capita* mensal.

A *Imagem 1* mostra a concentração de renda em Fortaleza em uma zona leste, próxima à orla do Oceano Atlântico. É possível notar, por exemplo, que apenas oito bairros têm renda média mensal superior a R\$ 2.000,00, enquanto 91 outros estão com média baixa de R\$ 500,00, num total de 119 bairros. Chama à atenção a discrepância entre o bairro com maior renda (Meireles: R\$ 3.659,54) e o menor (Conjunto Palmeiras: R\$ 239,25), numa diferença de 15 vezes. (IPLANFOR, 2015, p. 93 e 94).

Apesar de não existir uma divisão oficial da cidade em zonas cardeais, a *Imagem 1* nos permite claramente distinguir uma zona leste privilegiada em contrapartida à zona oeste com índices bem piores. É neste contexto em que se inserem as duas escolas, uma em cada das zonas citadas.

A primeira chama-se Escola Estadual de Ensino Profissional César Campelo e localiza-se no bairro Conjunto Ceará, na zona oeste de Fortaleza, já na região fronteira com o município de Caucaia. A outra é a Escola de Ensino Fundamental e Médio Arquiteto Rogério Froes, situada no bairro Cidade 2000, na zona leste. Ambas são administradas pelo Governo do Estado do Ceará e têm em comum estarem localizadas em bairros nascidos a partir de grandes conjuntos habitacionais, desenvolvidos nos anos 1970 em meio à política de habitação dos tempos da Ditadura Militar brasileira.

Ambos os conjuntos habitacionais foram empreendimentos exitosos e se emanciparam de seus bairros de origem, terminando por tornarem-se bairros autônomos.

A Cidade 2000 é um bairro na zona leste de Fortaleza, encravado ao lado de áreas bastante nobres da cidade. Embora sua população seja de apenas 8.272 habitantes (IPLANFOR, 2015), ocupa uma área de somente 0,49 km². A situação do bairro é mediana dentro do contexto da cidade: a renda média de sua população residente é de R\$ 1.017,12, o que a coloca em 30º lugar no *ranking*, num total de 119 bairros. Seu IDH também é mediano, com 0,561.

Alguns de seus bairros imediatamente vizinhos estão em situação social ligeiramente mais privilegiadas: o bairro Cocó é o terceiro do *ranking* da cidade em termos de renda média (R\$ 3.295,32), enquanto Nossa Senhora de Lurdes, Papicu e Manuel Dias Branco estão em 4º, 17º e 22º, respectivamente.

Cocó e N.S. de Lurdes são bairros elitizados da zona leste da cidade e, talvez não coincidentemente, não contribuem com alunos à escola Rogério Fróes conforme o levantamento até agora realizado.

Embora parte significativa dos jovens que frequentam o Rogério Fróes advenha da Cidade 2000, o alcance da escola em termos geográficos é bem maior. A maioria deles reside no Papicu, com quantidades mais equilibradas entre bairros como Manuel Dias Branco e Praia do Futuro e uma quantidade menor no mais distante Vicente Pinzón. À exceção do último, são bairros de situação diferenciada por causa da grande desigualdade social que marca a cidade, o que faz com que o M. Dias Branco tenha regiões de altíssima renda ao lado de outras extremamente degradadas socialmente. Em termos de renda média, Praia do Futuro I, Vicente Pinzón e Praia do Futuro II ocupam as posições 38, 52 e 88 do *ranking*. (IPLANFOR, 2015, p. 93 e 94).

Por motivos que até o poder público desconhece, oficialmente, o Conjunto Ceará é dividido em duas partes (I e II), de modo que seus dados são prejudicados. Em termos populacionais, a parte I (ao norte) possui 19.221 habitantes segundo o Censo 2010 (vide IPLANFOR, 2015, p. 25), enquanto a parte II (sul) tem 23.673. Desse modo, o que consideramos como sendo o Conjunto Ceará apresenta uma população de aproximadamente 42 mil pessoas. A área das duas seções é de 1,57 e 1,83 km², respectivamente, o que somadas também abrangem um território significativamente maior do que o da Cidade 2000. O IDH, entretanto, é bem menor: a parte I é de 0,359, enquanto a parte II aparece como “sem registro” no levantamento da Prefeitura. Em termos de renda, o Conjunto Ceará tem média de R\$ 603,12 e R\$ 589,31 (partes I e II), com a última de valor aproximado à metade da média da Cidade 2000.

Também diferentemente da Cidade 2000, o Conjunto Ceará está numa das regiões mais pobres de Fortaleza, marcada por péssimos indicadores sociais. Em certo sentido, o próprio Conjunto Ceará aparece como diferencial, já que em sua vizinhança é

aquele no qual foi possível se criar uma infraestrutura melhor, o que resulta em um mercado mais pujante de comércios e serviços. Assim, os moradores dos bairros circunvizinhos recorrem aquele para usufruir dessa rede. Isso inclui também a educação, já que existem 10 escolas públicas de Ensino Médio no bairro⁵.

Isso deve ajudar a explicar porque a abrangência do alcance da César Campelo, que no levantamento até agora realizado atinge um número um pouco maior de bairros do que o da outra escola. A natureza desses bairros também é significativamente diferente. Embora a Parangaba esteja em 43^o no *ranking* dos bairros em termos de renda média da população e o Conjunto Ceará ocupe as posições 63 e 64 (partes I e II, respectivamente), os outros bairros no qual vivem os estudantes do César Campelo estão em situação diferenciada de estratificação: Bom Jardim, Autran Nunes, Granja Portugal, Granja Lisboa e Genibaú ocupam as posições 110, 111, 112, 114 e 115 do *ranking*, num total de 119 bairros. O último citado possui uma renda média de R\$ 329,98, o que é bem menor do que o atual salário mínimo (R\$788,00).

Público versus particular: divisões sociais na escola

Apesar de estar inserido em uma região de índices sociais mais baixos, a escola César Campelo possui uma clientela oriunda das classes médias em maior volume do que o Rogério Fróes. Esta diferença se dá pela natureza da Escola Profissional, pois existe uma seleção para o ingresso, que se dá por meio da análise da média de notas dos alunos nos últimos anos do Ensino Fundamental. Além disso, num sentido de acessibilidade, a política das EEEPs estabelece uma cota de 20% para alunos advindos de escolas particulares, de modo a garantir que consigam as vagas de entrada⁶.

⁵ O Conjunto Ceará foi concebido dentro conceito de Unidades de Vizinhança (UVs). Assim, desde que foi criado, foi subdividido em 11 UVs e cada uma delas devia ter tido uma escola. Seja por excesso de zelo ou falta de planejamento, duas UVs tinham duas escolas cada. Em tempos mais recentes, quatro escolas foram transferidas para a responsabilidade da Prefeitura de Fortaleza, tornando-se apenas de nível Fundamental. Tal histórico foi construído pela bolsista Camila M.C. de Souza, que é moradora do bairro.

⁶ Percebeu-se a partir da fala dos jovens que uma nova estratégia está se dando com o público de jovens estudantes de periferias que têm acesso ao ensino privado no Ensino Fundamental: se desejam estudar em uma Escola Profissional transferem suas matrículas para uma escola pública no 9^o ano (o último) ou em algum anterior, de modo que tenham acesso à disputa por 80% das vagas. Se por um lado isso distorce o objetivo da cota, por outro, traz o fenômeno curioso de parte da classe média baixa das periferias estar

Na prática isso garante que parcela significativa dos jovens estudantes do César Campelo tenham cursado pelo menos alguns anos do Ensino Fundamental em escola particular em uma proporção maior do que os do Rogério Fróes. Nos grupos focais realizados nas duas escolas percebe-se que os jovens, em sua maioria, referendam os estereótipos atribuídos à diferenciação entre ensino público e privado. Ademais, é notável como há tensão entre aqueles oriundos do ensino privado em relação à condição de ensino público.

Assim, quando um grupo focal apresentava um número maior de jovens que tinham experimentado o ensino privado esta questão era sempre polemizada em algum nível, o que não ocorria nas ocasiões em que aquele tipo de estudante era minoria ou não estava presente⁷.

Como se pode perceber nas falas dos grupos focais, as caracterizações da diferença entre escolas públicas e particulares se dá não somente no quesito “qualidade de ensino”, mas em outros sentidos, como controle social (um tipo “bagunçada”, a outra não) e até sobre a condição moral (jovens “mais educados” nas particulares).

O ensino da escola particular é mais avançado, aí quando você chega aqui [*na escola pública*], você retarda um pouquinho, você fica pensando: “Aonde é que eu *tou*?”. É totalmente diferente. (MENINA 1, 1º B, manhã, Rogério Fróes)⁸.

Desde o 2ª ano [*do fundamental*] eu estudava em colégio particular, e eu comecei a estudar em colégio público agora, em 2013. Aí a diferença é muito grande, porque em colégio particular é mais pesado, eles cobram muito, e pra mim, que eu era bolsista, eu só estudava lá porque eu jogava. Aí pra mim era muito mais pesado, era diferente dos outros alunos. (MENINO 3, 3º E, noite, Rogério Fróes).

voltando à escola pública não apenas no Ensino Médio (por meio da Escola Profissional), mas também em parte do Ensino Fundamental.

⁷ O grupos focais foram realizados a partir de coletivos de seis estudantes. A escolha dos participantes foi aleatória e por meio de adesão voluntária. Quando havia mais interessados do que vagas por cada turma, realizava-se um sorteio para manter a quantidade de seis.

⁸ A maioria dos jovens entrevistados é menor de 18 anos, portanto, protegida pela lei do Estatuto da Criança e do Adolescente. Desse modo, não devemos revelar suas identidades para preservá-los. Na busca de uma classificação que os nomeie sem recorrer à técnica de nomes fictícios, optamos por classificá-los pela numeração correspondente ao modo como se distribuía dentro dos grupos focais. Assim, cada uma das turmas tem “meninos” e “meninas” numerados a partir de 1. Cada fala, portanto, é sinalizada por esse código, o ano cursado, a turma (escola regular) ou curso (escola profissional) que frequenta, o turno matriculado e a escola.

Na minha escola [*anterior*] não tinha isso não [*bagunça, confusão, brigas*], [*por*]que era particular. (MENINA 3, 1º B, manhã, Rogério Fróes).

A diferença (...) é nos alunos, porque, assim, na particular as pessoas geralmente são mais esforçadas; aqui não, aqui [*escola pública*] você vê gente de todo tipo. (MENINA 4, 1º ano, Mecânica, integral, César Campelo).

É assim: quem vem de escola particular é mais educado, de certa forma, e quem vem de escola pública não tiveram atenção e não estão nem aí mesmo. Sabe que ninguém vai dar atenção, aí faz o que quer. Aqui muitas vezes um “bom dia” não é respondido, um “obrigada”... (MENINA 2, 1º ano, mecânica, integral, César Campelo).

Embora não necessariamente se materialize em um conflito físico, a tensão entre egressos da escola pública e da particular no interior do Ensino Médio é considerável e termina auxiliando nas classificações internas estabelecidas no seio escolar. Os jovens se identificam e se agrupam levando em consideração tal realidade.

Obviamente, o corte social – de renda ou tipo de escola – não é o único que orienta a formação das agremiações no cotidiano escolar, mas é algo a ser considerado. No próximo tópico veremos outras formas de classificação.

O Jovem, a escola e os grupos

No sistema educacional brasileiro, o Ensino Médio é de responsabilidade do Governo Estadual, de modo que os jovens egressos do Ensino Fundamental (sob a responsabilidade das Prefeituras Municipais) trocam de escolas para ascender ao nível seguinte. Mesmo que algumas escolas estaduais ofertem alguns anos do Ensino Fundamental para suprir demandas regionais – como é o caso do Rogério Froes – ainda assim há uma “passagem” daquele nível para o Médio que acarreta em mudanças e na associação de jovens advindos de escolas diferentes.

Ao entrarem nesse “novo mundo” que é o Ensino Médio, os jovens ingressam em um sistema de hierarquias muito bem definido, no qual cada ano escolar acumula um tipo de poder simbólico sobre os anteriores, o que se reflete nitidamente nas relações com o corpo docente e o núcleo gestor. Dito de outra forma, os jovens dos terceiros anos

têm uma série de regalias e privilégios que posicionam uma marca de poder dentro da escola. Esse poder diminui sensivelmente quando se comparam os anos anteriores.

Por isso, logicamente, os calouros, os jovens dos primeiros anos, sofrem bastante nesse ingresso, pois aprendem rapidamente que as regras são mais duramente aplicadas a eles do que àqueles dos anos imediatamente posteriores. As associações entre os novatos são rápidas e não demoram mais do que alguns dias para se formarem, pois também são estratégias de fortalecimento.

Não raro, essas associações miram signos agregadores visíveis, que passam por pequenos adornos – uma pulseira nas cores vermelho, amarelo e verde, que identificam aqueles que gostam da música reggae; um colar com a logomarca de uma banda de heavy metal – ou a expressão de “gostos” por meio de diálogos e/ou observação.

É comum que essas associações entre os jovens se tornem duradouras pelo menos a pequenos grupos durante o Ensino Médio, reforçando laços e as ações decorrentes da agremiação em si.

Raramente frequentar a escola é uma atividade individual. Embora exista uma pequena parcela de jovens isolados nos corredores das instituições de Ensino Médio, em sua maioria, os estudantes se aliam a outros como maneira de navegar pela intensidade da vida escolar.

Quando a Sociologia se dispõe a observar a escola de perto percebe não somente quão rica é a vida social ali, mas especialmente, o quanto esta é conflitiva. A escola é um palco de conflitos. Jovens disputam espaço e lançam “brincadeiras”, comentários e atitudes agressivas uns contra outros; discussões e brigas ocorrem nos corredores na hora do intervalo; professores e alunos travam uma batalha constante por atenção, autoridade e hegemonia; o núcleo gestor impõe regras que são, invariavelmente, descumpridas ou desafiadas pelo corpo discente. E não para por aí. Nem estamos colocando os conflitos externos – a “violência” como aparece nas reportagens de jornais – que teimam em “invadir” o espaço escolar de vez em quando.

Assim, a pesquisa ora realizada nos indica que o ambiente escolar é um espaço social *à priori* hostil. Esta característica não é despercebida pelos jovens. Ao contrário,

desde cedo aprendem a conviver com ela e encontram maneiras de subvertê-la. Morando em comunidades vulneráveis socialmente, assoladas pela pobreza, desigualdade e violência, esses jovens não encontram um “porto seguro” dentro da escola.

Nos grupos focais, quando pedimos para compararem a escola atual em que estão com as anteriores que frequentaram, não raro aparecem relatos como os que se seguem:

O pessoal botava fogo nas cadeiras. Tinha uns *raudim [brigas]* de umas mulheres lá. Na creche, uma batendo na outra. (...) Pra mim, foi uma desgraça o ensino lá. Eu estudava, e era porque minha mãe mudava muito de casa, aí eu já estudei em várias escolas. Eu estudei em uma escola que era tão depravada de um jeito, que já tinha rolado até tiroteio dentro da escola. Tinha uns vidros lá quebrados, com os buracos das balas. Se tu brigasse com alguém, aí ele dizia: “Ei doido, eu vou te matar amanhã, se *intera* aí das *ideia*”. (MENINO 1, 1º B, manhã, Rogério Fróes).

Deixa eu falar, porque aqui *[na escola]* um helicóptero *[da polícia]* já veio aqui dentro, atrás de um menino que estuda aqui, então nem adianta falar *[mal das outras escolas]*. (MENINA 1, 1º B, manhã, Rogério Fróes).

Porque lá era complicado *[na escola Maria Odnílra]*. Porque fica perto de uma comunidade e lá era bem perigoso. Hoje em dia até. (MENINO 2, 3º A, manhã, Rogério Fróes).

Acho que até ano passado tava tendo caso de gente entrando lá *[na escola Maria Odnílra]* pra consumir drogas e no nosso tempo não tinha isso (MENINA 1, 3º A, manhã, Rogério Fróes)⁹.

Embora os relatos de violência – inclusive intramuros – sejam mais comuns em relação ao Rogério Fróes, o César Campelo também não está isento da violência que chega às escolas. Em 2012, um dos vigilantes armados da instituição foi assassinado à tiros no portão da escola, cerca de 35 minutos antes do início das aulas. Atualmente, os relatos de assaltos a estudantes na saída das aulas são frequentes¹⁰.

⁹ A Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Maria Odnílra Cruz Moreira localiza-se no bairro Manuel Dias Branco, bem próxima à Rogério Fróes. Por isso, quantidade significativa de jovens cumpriram seus anos escolares anteriores lá.

¹⁰ Além da desigualdade social, Fortaleza é uma cidade marcada pela violência. Segundo o *Mapa da Violência* (WAISELFISZ, 2015), no ano de 2012 houve 1.724 homicídios com arma de fogo no município,

Essa violência externa, que não raro se apresenta também no intramuros, serve para tornar ainda mais tenso o ambiente escolar. Talvez como modo de resistir a tantos desafios, os jovens chamados “alunos” quase sempre preferem enfrentar o cotidiano escolar por meio da formação de grupos ou de turmas. Obviamente, a própria condição juvenil parece muito profícua à associação. Além disso, os sujeitos passam considerável parte de seu tempo na escola, o que também favorece a sociabilidade.

Seria um equívoco não dar atenção devida a tais associações. A partir de estudos prévios – vide especialmente Lima Filho (2013) – uso a categoria *agrupamentos* para nomear as agremiações que os jovens formam em seu cotidiano e que, mesmo apresentadas de modo informal, servem para agenciar adesões a estilos de vida específicos. Quando pensamos nos estudantes da escola, estamos nos referindo a sujeitos que estão vinculados à discussão da juventude e das culturas juvenis.

Não precisamos alongar as considerações sobre o caráter múltiplo da juventude tal qual posto pela Sociologia contemporânea – vide, por exemplo, Sarlo (1997), Pais (2003) e Carrano (2009) – no qual tratamos a categoria juventude dentro de uma múltipla dimensão que envolve faixa etária, cronologia, estética, estilo de vida e bens culturais de consumo. Por isso, podemos mobilizar tal discussão por meio das culturas juvenis, que envolvem as práticas, os saberes e as agremiações que os próprios jovens articulam em sua vivência do que é “ser jovem”. Quer dizer, “grupos sociais formados a partir de adesões estéticas ou políticas, movimentos organizados ou não; participação em eventos ou causas etc.” (LIMA FILHO, 2014, p. 106).

As culturas juvenis estão associadas aos estilos de vida que, para Giddens (2002), são práticas cotidianas que se rotinizam a partir de um código de valores e regras de pensamento. Assim, “gostar” de determinado gênero musical, como o rock ou o RAP, pode assumir uma condição maior do que meramente uma preferência estética, indo além e associando o sujeito a um código de conduta que envolve modos de pensar e agir, uma estética visual (expressa na vestimenta, por exemplo) e, claro, a vinculação a outros “iguais”. O mesmo se dá a partir de práticas esportivas, como aqueles que andam

resultando em uma taxa de homicídios de 69,0 mortos por 100 mil habitantes, colocando a cidade entre as piores do Brasil. A maior parte das vítimas é de jovens entre 15 e 29 anos, tanto que a taxa de homicídios de jovens é de 164,3 mortos, com uma taxa de vitimização de 458% em relação à população não-jovem.

de *skate* nas ruas ou surfam nas praias de cidades litorâneas como é o caso de Fortaleza. Tal fenômeno também é ativado por outros consumos culturais, como as histórias em quadrinhos ou os jogos eletrônicos *on-line*.

Cada um desses catalizadores mobiliza um estilo de vida particular que é composto por regras de conduta e valores morais próprios, aos quais os jovens aderem por meio de colegas iniciados e passam por meio de “provas” cotidianas que comprovem sua adesão. A convivência nesse tipo de agremiação consolida suas características e serve como elemento importante na vida cotidiana do sujeito, até certo ponto, orientando sua vida social.

Os agrupamentos são a esfera prática desses estilos de vidas: são os coletivos em si formados por aquele. Essas agremiações são fundamentais à sociabilidade juvenil e é preciso entender sua complexidade dentro de um universo como a vida escolar. Os agrupamentos são perceptíveis na escola – *roqueiros, hip-hoppers, leitores de HQs, jogadores de games, skatistas, surfistas* etc foram alguns mapeados – contudo, nem sempre encontram pleno desenvolvimento naquele ambiente. Porém, mesmo quando não estão presentes, as conexões com o consumo cultural e as culturas juvenis em geral precisam ser entendidas, pois perpassam o cotidiano dos jovens de modo muito forte.

Este encontro é dado pelas chamadas “afinidades”, quando os sujeitos identificam nos outros traços em comum que podem estabelecer contato e sociabilidade. Curiosamente, o efeito agregador de estar em uma sala de aula conta bastante, de modo que, quase sempre, as amizades mais próximas, dentro da escola, terminam restritas em sua maior parte aos colegas de sala. Assim, a descoberta de afinidades e a organização sistêmica da escola guiam os “encontros” da vida escolar:

A gente conhece pessoas que não são da nossa sala, a gente conversa quando se esbarra com elas, mas eu converso mais é com o [nome] e os meninos da sala. (MENINO 1, 3º A, manhã, Rogério Fróes).

[O papo com os outros das outras turmas] Não é tão profundo quanto os próximos. É só um papinho mesmo básico. (MENINO 3, 3º A, manhã, Rogério Fróes).

Uma coisa que eu achei muito legal aqui [escola integral] é porque as salas passam o três anos todos juntos! A gente se considera

uma família, eu acho isso muito bonito. Na outra escola *[que estudei]* ninguém se considerava família; cada ano eram pessoas diferentes, aqui eu acho todo mundo muito unido (MENINA 1, 1º ano, mecânica, integral, César Campelo).

Em seu estudo sobre os grupos sociais, Simmel (1977) percebe de modo astuto que, na medida em que um grupo se fortalece enquanto identidade própria e sentimento de pertença – algo também percebido por Weber (2005) – ele termina se fortalecendo na oposição ao outro. Isso quer dizer que, quanto mais “forte” um grupo, mais provável que se oponha a outro, que gere conflito. Afinal, a identificação do “eu sou isso” é mediada pelo “eu não sou aquilo”, que é apontado em um “outro”.

Desse modo, quando salas de aula criam um senso de pertença muito forte – “somos uma família” diz uma das entrevistas – é bem provável que surjam rivalidades com outras salas ou mesmo subdivisões. Conforme já detalhado em Lima Filho e Souza (2014), o caso do César Campelo é singular, pois as turmas separadas em cursos profissionais geram uma identificação muito forte entre os estudantes e, em consequência, maiores rivalidades entre as turmas.

[Noto a divisão em] grupos de salas que são mais próximas, tanto que aqui você pode ver, eu digo pela minha sala mesmo, minha sala era dividida em três “painéis”, quatro “painéis”. Agora, basicamente, ainda está dividida em duas “painéis”, dividido. Não se junta mesmo que haja, que tentem! (MENINO 1, 3º ano, redes de computadores, integral, César Campelo).

Uma colega da mesma turma complementa:

Não tem briga, é só o lado A e o lado B. (MENINA 4, 3º ano, redes de computadores, integral, César Campelo).

A rivalidade entre as turmas (e cursos) não é ignorada, também:

Na escola mesmo as salas são bem divididas, por exemplo, não vou falar o nome da sala, mas tem uma turma que não fala com outra turma; tem uma turma que não fala com outras três turmas, a escola está bem dividida. (MENINO 1, 3º ano, redes de computadores, integral, César Campelo).

Dessa forma, a escola está polarizada em um tipo de movimento de articulação “interno” (entre turmas dentro de sala de aula) e uma conflitualidade “externa” (com outras turmas). No César Campelo é perceptível a rivalidade acirrada entre as turmas de *Administração* e *Contabilidade*, que se efetivam em meio aos jogos interclasse, feiras culturais, mas também em brigas na hora do intervalo e uma rede de fofocas.

Por outro lado, a sala de aula surge como um mobilizador de afinidades. Mesmo facilitada pela ocupação de um mesmo espaço – a sala de aula – a sociabilidade é fundamentalmente guiada pelas afinidades em comum. Os jovens percebem isso claramente. Ao perguntarmos o que os une às agremiações com amigos, respondem:

Os gostos de música, da mesma adrenalina. (MENINO 4, 3º A, manhã, Rogério Fróes).

Estilo de vida. (...) Opiniões... quase sempre são iguais. (...) Mas é muita música também. (MENINO 3, 3º A, manhã, Rogério Fróes).

Também demonstram que tais afinidades podem evoluir para grupos mais orientados. Quer dizer, amizades são feitas em praticamente todos os espaços de sociabilidade do drama humano, contudo, existe uma diferença entre algo que poderíamos chamar de amizade pura e simples com a formação de coletivos mais orientados dentro de “gostos” ou estilos de vida.

É possível identificar os dois tipos de associação dentro do ambiente escolar. Em primeiro lugar, aquelas associações que chamamos comumente de *amizades*, marcadas por afinidades e um senso de “bem querer” do outro, conforme as falas já citadas.

Tais amizades se estendem ao horário da escola e muitas “panelinhas” se reúnem nos fins de semana para programas que envolvem ir à praia ou ao *shopping center*, passear, lanchar e, às vezes, assistir um filme no cinema.

Além das amizades em si, também existem as associações mais orientadas para os “gostos”, que estão ligadas a estilos de vida específicos. Estes também estão associados a consumos culturais particulares e os jovens desenvolvem estratégias de reconhecimento e adesão a esses agrupamentos que se formam nas escolas.

Gostos musicais, literários e esportivos são agregadores mesmo quando não há um agrupamento em si envolvido, mas favorecem a vinculação entre os sujeitos. Os grupos focais e a observação nas escolas permitem perceber o surgimento de alguns agrupamentos, como *roqueiros*, *metaleiros*, *leitores de histórias em quadrinhos*, *nerds*, *jogadores de jogos eletrônicos*, *apreciadores de esportes* (futebol, artes marciais), *skatistas*, *evangélicos* e até *frequentadores de academias de ginástica* ou *jogadores de cubo mágico*. Geralmente, são grupos pequenos, mas que às vezes, tem capilaridade para fora da escola, com outros sujeitos.

A partir desses agrupamentos, os jovens mobilizam atividades específicas. Os *leitores de HQs* passam o intervalo conversando sobre as revistas que estão saindo, sobre os filmes baseados nos super-heróis que colecionam, esse tipo de coisa. No César Campelo, na semana cultural de 2014, um grupo de leitores organizou um painel sobre os quadrinhos e sua importância cultural.

Os *nerds* são aqueles jovens “mais estudiosos” e que, por uma série de motivos, estão menos dispostos às atividades físicas, como os esportes. Esses jovens se destacam na convivência escolar por seu desempenho em sala de aula e nas notas, o que pode gerar até resistência de outros estudantes. De qualquer modo, os *nerds* tendem a ficar unidos nos intervalos e se aproximam também por consumos culturais muito específicos, relacionados às HQs, jogos, séries de TV etc.

Os *apreciadores de esportes* mobilizam-se a uma rede de “iguais”, no qual promovem torneios formais e informais, além de usar o espaço da escola e, no caso do Rogério Fróes, também a quadra na praça pública próxima à escola nos fins de semana. Os *skatistas* de ambas as escolas não podem usar o *skate* no interior da instituição, mas promovem “passeios” nos arredores e, quando são vizinhos, nas suas próprias comunidades e praças próximas. *Jogadores on-line* comunicam-se pelas madrugadas, jogando partidas e campeonatos virtuais.

Roqueiros, *metaleiros* e *hip-hoppers* conversam sobre música e seus artistas favoritos no intervalo, usam camisetas com logomarca de bandas na entrada ou não saída (já que dentro da escola precisam usar a farda) e combinam de irem juntos a festas e shows musicais.

Por fim, não podemos esquecer que os religiosos, especialmente *evangélicos*, formam um tipo de comunidade muito forte dentro da escola, onde se reconhecem uns aos outros e estabelecem laços sociais mais estreitos. No César Campelo funciona até um Grupo de Oração, que se ocupa durante o intervalo do almoço para ler a *Bíblia* e discutir textos afins.

Dessa forma, o cotidiano escolar dos jovens é agenciado pela adesão a esses agrupamentos, a partir do qual se dão as associações e, eventualmente, os conflitos que podem gerar. Os estudantes não são os únicos atores envolvidos, assim, atores como professores e núcleo gestor “cruzam” os caminhos dos coletivos e interagem com eles, sejam mediando conflitos, sejam mobilizando-os.

Com isso, mesmo que a escola por vezes transmita uma imagem de “tédio” e repetição, presente nas falas dos jovens quase ao ponto da apatia; paradoxalmente, esse espaço social é mobilizador de uma série de processos complexos e conflitos que moldam um universo bastante tenso e hostil ao jovem que a frequenta.

Algumas considerações finais

A escola é um espaço social que forja uma série de articulações aos jovens que as frequentam, colocando-os em contato com o universo das culturas juvenis e mobilizando-os na adesão aos grupamentos identitários com os quais se insere no cotidiano da instituição.

As instituições de Ensino Médio trazem algumas peculiaridades, pois forçam seus sujeitos a aderirem rapidamente a um sistema de adesão e conflito num espaço social hierarquizado. Além disso, geralmente, o ingresso nessas escolas se dá a partir da junção de estudantes que não se conhecem previamente e irão pretensamente passar os três anos seguintes juntos.

O ingresso nesse sistema e sua permanência é um processo árduo, que exige um código de adesão aos pequenos grupos que se formam e agem em um sentido de conjunto dentro da instituição escolar. Como nos mostra a Sociologia, a formação desses

grupos termina por promover também conflitos entre eles, o que traz um elemento de tensão ao cotidiano escolar.

Os jovens nas escolas estão constantemente se adaptando a essa dinâmica e procurando meios de se posicionar nesse modo de navegação social que é bastante hostil. Afinal, a associação dentro de amizades, “panelinhas” e agrupamentos identitários é uma forma de enfrentar os conflitos disparados pelos coletivos entre si e com os outros atores sociais da escola, notadamente, os professores e o núcleo gestor.

Perceber essa riqueza e complexidade é uma forma de romper com a percepção limitadora dos jovens como “alunos” que estão sentados em suas carteiras olhando para os professores em uma sequência ininterruptas de aulas.

Referências Bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. 13 ed. Petrópolis: Vozes, 2012. Coleção Ciências Sociais da Educação.

CARRANO, Paulo César R. Identidades Culturais Juvenis e Escolas: arenas de conflitos e possibilidades. **Diversia** nº1, CIDPA Valparaíso, Abril 2009, pp. 159-184.

IPECE. **Perfil Socioeconômico de Fortaleza**. Fortaleza: Governo do Estado do Ceará/IPECE, 2012.

IPLANFOR. **Fortaleza 2040**: Iniciando o diálogo por uma Fortaleza de oportunidades, mais justa, bem cuidada e acolhedora. Vol. 2, N.º 1, ano II, 2015.

FREITAS, Isaurora C.M. de; LIMA FILHO, Irapuan P. Culturas Juvenis e Escola: Reflexões para pensar o Ensino Médio de Sociologia na Educação Básica. In: GONÇALVES, Danyelle N. (org.). **Sociologia e Juventude no Ensino Médio**: Formação, PIBID e outras experiências. Campinas: Pontes, 2013.

GONÇALVES, Danyelle N.; LIMA FILHO, Irapuan P. Aprendendo pela pesquisa e pelo ensino: o Pibid no processo formativo das licenciaturas em Ciências Sociais. **Revista Brasileira de Sociologia**, vol. 02, n.º 03, jan/jun. 2014, pp. 62-81.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

LIMA FILHO, Irapuan P. **Em tudo o que faço, eu procuro ser muito rock and roll**: rock, estilo de vida e rebeldia. Fortaleza: UFC, 2013.

_____. Culturas juvenis e agrupamentos na escola: entre adesões e conflitos. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 45, n.º 1, 2014, pp. 103-118.

LIMA FILHO, Irapuan P; SOUZA, Camila M.C. **Marcando um lugar na escola**: disputas e discursos entre alunos de educação profissional. IV Seminário Internacional Violência e Conflitos Sociais: Territorialidades e Negociações, 2014 (*mímeo*).

MARTINS, Carlos B.; WEBER, Silke. Sociologia da Educação: democratização e cidadania. In: MARTINS, Carlos B.; MARTINS, Heloísa Helena T. de S. (coords.). **Horizontes das Ciências Sociais no Brasil**: Sociologia. São Paulo: ANPOCS, 2010.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. 2 ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna**: intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

SIMMEL, Georg. La autoconservación de los grupos sociales. In: **Sociología II**. Madrid: Biblioteca de La Revista de Occidente, 1977.

UN. **State of the World's Cities 2012-2013**. New York City: United Nations-Habitat/ Routhledge, 2013.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2015**. Brasília: Secretaria Nacional de Juventude/ Governo Federal, 2015.

WEBER, Max. **Conceitos Básicos de Sociologia**. 4 ed. São Paulo: Centauro, 2005.